



De Orchidaceae, Meditatio Quaedam.

*Raimundo Mesquita **

Peço a quem lê que, antes de pensar que é algo presunçoso o meu título, lembre da dupla função desempenhada pela titulação: a de indicar ao possível leitor o assunto de que se trata, como a de tentar atrai-lo para a leitura.

O latim é a língua da ciência, mas, também, exerce sobre nós o sortilégio da palavra, assim como a orquídea fascina, sortilêga ela também.

Parece inevitável que, em algum momento, sejamos levados a questionar o porquê de nos dedicarmos a certa atividade, buscarmos a razão mais funda do nosso interesse por algo e, porque não dizer, da nossa paixão. É a hora da meditação, da pesquisa das causas que nos levaram àquela atividade, que determinaram

aquele interesse.

Por que orquídeas? Foi esse o título em que, inicialmente, pensei. Depois, não tanto por rebuscamento, mas para uma alusão a Ortega Y Gasset, que tinha do homem uma visão tão alentadora, adotei o título que se lê acima (1). Há uma razão, além da alusiva homenagem, pois um dos esteios da filosofia do mestre espanhol é a “razón vital”, a essência do agir e ►

* Rua D. Mariana n° 73/902 Rio, RJ, 20.280

da capacidade do homem de intervir na natureza, modificando-a e amoldando-a aos seus interesses, fruições e necessidades.

Isto, talvez, me permitisse um ponto de abordagem na tentativa de encontrar explicação e resposta: a capacidade, a inventividade do homem ao retirar uma planta do seu habitat natural, porque ela atraiu sua atenção, e conseguir dar-lhe outras condições de cultivo e, até mesmo, de intervir no seu ciclo vital ao descobrir as possibilidades, quase infinitas, de mutação dessa planta, de tão poucas utilidades práticas (o uso do *Cyrtopodium*, na medicina popular, o culinário da *Vanilla*; cosmético e outros... (2)), e por puro regalo sensual e já não mais em pura contemplação sensória, através de cruzas, hibridação, autofecundação, querendo a forma perfeita, um padrão de forma, bela, que bem pode ilustrar o eidos platônico. No Mito da Caverna, ao duvidar da nossa capacidade de conhecer verdadeiramente, afirmou o grego que o nosso conhecimento da verdade, das essências, se assemelhava às sombras que a luz projeta nas paredes, e que, mesmo não passando de sombras, reflexos, pálida projeção, era o suficiente para intuirmos, para sabermos da existência do eidos, a idéia, o padrão.

É bem de dizer, pois, que todo esforço do cultivador objetiva um padrão ideal, a forma quintessenciada, que ainda não existe, mas já se delinea na sua imaginação (e, por vezes ganha, até mesmo, um nome antes de existir, como é o caso da *Sobraleya*, híbrido de *Sobralia x Cattleya*, ainda não relatado (3)). Essa, aliás, eu creio, é a base que, matricialmente, preside a busca, na hibridação, como o é na avaliação e julgamento de orquídeas: o seu grau de aproximação com aqueles padrões ideais que, num momento dado, entendem os juízes, já são possíveis de atingir, através das experiências genéticas e de adequado cultivo: atingir a forma quase perfeita com as armas da ciência e cuidados de cultivo.

O homem, animal inquieto, se fosse apenas por uma questão de lazer, poderia cuidar tão-só do cultivo de espécies. Mas não, ele quer mais, quer intervir, quer criar, ir até os limites, em busca da perfeição, esta que não al-

cançará nunca, porque o que o define é a aventura e já que, para sua busca, não existe fim, porque a cadeia cromossômica parece ser ilimitada.

A grande descoberta, e isto é que tem caracterizado a ação e aventura do homem, é que pode transformar em consciência e emoção o que já existe e ocorre na natureza. Pela observação, descobriu que no mundo natural existia a polinização mecânica da orquídea, por insetos e pássaros, e que, entre plantas diversas, existiam compatibilidades genéticas que possibilitariam a criação de novas formas. A partir daí não mais parou de cruzar flores, produzindo híbridos primários e, depois e cada vez mais, complexos, que, de sua vez, vão permitindo novas cruzas, sendo infinitas as possibilidades, tudo com uma única finalidade, a flor mais bela por ele, hibridador, produzida, como um escultor que usasse, não os clássicos instrumentos dessa arte, mas um estilete de polinizar, frascos Erlenmayer, fórmulas químicas e sete anos de paciência...

Penso, pois, que o senso estético, virtude desprendida de interesse prático, possa, talvez, ser a explicação para a atração pela bela flor, que é o momento máximo de tão estranha planta, que soube adaptar-se às condições mais adversas e que, para perpetuar-se e transformar-se, foi capaz de produzir esse mecanismo intrincado, que, belo para nós, para ela é tão-só a possibilidade de, com os meios disponíveis, garantir a reprodução.

Como a qualquer propósito, o homem tem dois modos de abordar e tentar conhecer o fenômeno natural, em busca de explicações e conclusões: a científica e a estética, meios de conhecimento diversos, mas convergentes. O cientista tenta explicar, analisar, encontrar as leis que regem o fenômeno que estuda, o que o faz assim, por que é isso e não aquilo, mas, temos que convir, terá sido levado, na escolha do seu interesse científico, por uma razão profunda, que não explicam as teorias sociológicas da divisão do trabalho e da especialização. O amador da beleza, tem, embora, uma outra percepção, uma forma especial, digamos poética, de conhecer, mas tem em comum com o cientista aquele rasgo inicial que, também, o levou àquele interesse, àquele e não a outro qualquer. ►

Marcel Raymond (4) estudou essa dicotomia dos nossos modos de conhecimento e a ilustrou com um texto de Eddington, onde o grande astrônomo e físico inglês relata que, tendo um dia que ocupar-se com a formação das ondas sob influência dos ventos, recorreu ao seu tratado de hidrodinâmica, estudo teórico que permitia conclusões muito precisas sobre a velocidade do vento para desencadear a formação das vagas. Contava, também, o cientista que, em outras circunstâncias, apresentando-se o mesmo tema ao seu espírito já não mais recorrera à ciência e sim à poesia, com Rupert Brooke, que, na magia da palavra, fazia reviver a cena das águas começando a se mover sob ação dos ventos.

O poeta e o cientista, por caminhos diversos, chegaram à mesma conclusão, a partir de um interesse inicial por algo visto e sentido. Sei, estou convencido que, com respeito às orquídeas, a mesma dicotomia está presente: o estudo científico, biologia, botânica, taxonomia, ecologia; e por outro lado, a fruição puramente sensória, da forma, da cor, do perfume. O que procuro identificar é algo bem profundo, o que terá determinado que o cientista tenha eleito essa desafiante planta para seu interesse; o que fez com que o amador tivesse escolhido, justamente, a orquídea para seu exercício estético e sensorial.

Por que a orquídea?

Temos que reconhecer que toda atividade humana, sobretudo quando de puro deleite, descompromissada de interesse econômico, resulta de uma escolha que responde a algo profundo, nosso sentido de liberdade e de singularidade. Mas, por que a orquídea para preencher e dar vazão a esta força do espaço interior de cada um de nós?

Não tenho dúvidas de que, se se fizesse esta pergunta a alguns orquidófilos, dificilmente se obteria duas respostas coincidentes, já que, ao falar de orquídea ninguém pensa na categoria botânica, mas na categoria linguística, convenção algo abstrata que é uma palavra só, orquídea, para gênero tão variado. Um estaria pensando na *Cattleya*, outros nos *Paphios*, alguém descreveria os *Oncidiuns* e a torre de Babel estaria próxima...

Quem sabe, a história pode ajudar. E como foi mitologia toda história, antes de ser ciência, tentemos pelo método de intuir, de recobrir, com imagens, os dados da percepção, comecemos pela mitologia, recordando a bela lenda javanesa sobre a origem da orquídea.

Daun Petola, divindade que se corporificou vestindo rico e belo manto (note-se como estes dois adjetivos sempre acompanham a orquídea) e não foi reconhecida, sendo, por isso e pelo manto, perseguida e torturada pelas pessoas do lugar. Para sobreviver, buscou refúgio nos lugares mais escondidos das florestas sombrias das montanhas. Ao fugir, porém, deixou cair seu manto que se pôs a florir. As flores, ricas e belas, eram tão desejáveis que os moradores da região tentaram colhê-las, recolhendo-as às suas coleções, ferindo e machucando o que não puderam levar. A deusa puniu o sacrilégio: as plantas levadas para longe do lugar escolhido pelo manto da divindade, recusaram-se a florir. Satisfeita com o castigo, a deusa concedeu que alguns espécimes tornassem a florescer, mas só nos jardins das montanhas, próximas do local onde estivera o manto sagrado.

A lenda, como se vê, intuição e protociência, associa a planta com o meio-ambiente a que ela se ajustou, só este que lhe permitiria satisfazer certas necessidades, básicas, para atingir o seu momento máximo, a flor, que é o que atrai e encanta, a flor que é a causa do desejo de ter, para, pela repetição do ciclo vital, poder, de novo, usufruir um instante de beleza, peregrina e fugaz, peregrina porque repetido, fugaz como a vida que se desfaz.

Será a orquídea um símbolo para nós, animais simbólicos?

A esta altura, creio, já tivemos um outro resultado. A flor, terá sido a flor que nos atraiu, pois nela é que se concentra o nosso interesse, por mais que esse interesse seja de todo indiferente pela verdadeira finalidade desse "buraco vivo", como já se a chamou, para significar todas as funções vitais que desempenha a flor (5). É tal o nosso interesse pela flor que, mesmo sabendo que orquídea é a planta, ao falarmos dela, por metonímia, descrevemos longamente a flor e, raramente, dizemos umas palavras sobre a plan-

ta, cuja função única, no fundo, cremos, é brindar-nos com aquele instante único de encanto, que nos fez esperar e dispendir cuidado e esforço.

Está, também, a orquídea associada, na mitologia, à fecundidade, tanto que era a flor preferida de Demeter, deusa grega dos campos, dos rebanhos e da fertilidade. No Mundus Subterraneus, o jesuíta Kircher, aí por volta de 1668, disse que as sementes da orquídea resultavam da cruz dos animais das montanhas com outros das planícies. Antes de sermos tentados a dizer que o jesuíta intuira a polinização por pseudo-cópula de insetos polinizadores, pensemos, mais propriamente, que a teoria era o reflexo da tradição grega que via na planta um ser de fecundidade, tanto que lhe deram o nome que tem pela analogia dos dois bulbos, subterrâneos, de certas espécies existentes naquela região...

É de admitir, contudo, que o jesuíta, na sua observação e como aconteceu com os insetos escolhidos pela planta para a polinização cruzada, tivesse sido iludido por esse estranho fenômeno que é o mimetismo das orquídeas, tomando por animal das montanhas, o que era apenas uma flor travestida de inseto, que, para ser fecundada e perpetuar-se, procede à iniciação sexual de certos insetos, como faz o *Ophrys* que mimetiza a fêmea da mosca *Scolia Ciliata* e, assim, para ser polinizada, atrai o jovem macho que, nascendo semanas antes de qualquer fêmea, tem o tempo necessário para aprender e exercitar-se em pseudo-cópula, com as flores. O engano desaparece tão logo nascem as moscas fêmeas. Dá para pensar se por trás de tudo isso não estará, misteriosamente, uma consciência cósmica.

O mistério, aliás, alguma coisa de sortilégio, cerca a orquídea desde que o homem a descobriu e vem tendo contato com ela, que chegou a ser referida como flor de ritos demoníacos, flor para o escuro, para os lugares sombrios. Geralmente muito carnosa na sua substância floral, gera encanto e um certo temor reverencial (essa ambígua mescla está presente na novela de H.G. Wells "O despertar da estranha orquídea"). Não seria nunca a flor de um poeta romântico, mas, seguramente, foi do Baudelaire das Flores do Mal: "Les étranges fleurs sur les

étageres, écloses pour nous sous des cieux plus beaux" (6). Noto, porém, que tal reação, misto de temor e encanto, parece tipicamente ocidental e carregada de malentendidos, como o de dizer que o seu perfume paralisava como um veneno, coisa que os ecólogos explicam, hoje, de modo singelo, dizendo que se tratava da *Eulophiella*, que vegeta nos solos pútridos e sombrios das florestas, nutrindo-se de folhas em decomposição, ali onde também fazem ninho os escorpiões, responsáveis, estes sim, pelos crimes que se atribuíam à orquídea...

Na China antiga, a orquídea era associada às festas da primavera, quando servia para afastar as influências perniciosas, sendo a principal dessas a esterilidade, já que, se sabe, era a orquídea o símbolo da fecundidade. Na China, também, era a orquídea um amuleto de paternidade, já que era tida como genesiaca. Como deusa vingadora, porém, diz a lenda, retomava a vida da criança concebida sob sua influência, ao simples corte da flor...

Fecundidade, geração, perfume, encantamento, beleza da forma, substância do tecido floral, senhora do destino, jogos de amor, símbolo. Viu-se neste breve mergulho na mitologia e na protohistória da orquídea que há, claramente, uma relação simbólica do homem com a flor, que se contém no contexto de uma parcela de sua vida e seus mistérios, mas, também, que a beleza da flor faz dela, por outro lado, símbolo de perfeição, a já atingida e aquela a buscar, como signo de pureza espiritual, êxtase.

Corpo e alma, talvez, aí é que se encontra a explicação que se buscava: a orquídea representa simbolicamente, para o homem, o encontro dessas duas categorias tão díspares, mas que, no entanto, andam sempre juntas: a forma, concreta e perfeita, e o espírito, a etérea e fugaz beleza, que se mostra por pouco, como um dom, e já acabou:

"A thing of beauty is a joy for ever". (Keats).

Notas

- (1) O título inspirou-se no ensaio que se chama "De Europa, meditatio quaedam", ele, também, uma ten-

tativa de encontro de causas e busca de explicação.

- (2) Numa manifestação de pensamento analógico, Teofrasto dizia que a infusão do bulbo velho da orquídea teria resultado anafrodisíaco, enquanto afrodisíaca seria a tisanina feita do bulbo novo. A analogia é clara, a planta, sabe-se, tem um enorme poder de regeneração e, assim, sua energia vital seria de grande alento para a combalida virtude seminal, assim como no Brasil, à época da introdução da cultura do café, se dizia que agia como um elixir para combater as "virtudes seminais delidas"...
- (3) Cf. "Natural and Artificial Hybrid Generic Names of Orchids", Leslie A. Garay and Her-

man R. Sweet, in *The Orchids, scientific studies*, Flórida, 1985, pág. 542.

- (4) In "Le sens de la qualité", conferência feita na Universidade de Genebra, pub. em 1948 por Editions de la Baconnière, Suíça.
- (5) "The Orchid Flower as a Living Hole", L. van der Pijl and Calaway H. Dodson, in "Orchid Flowers, their Pollination and Evolution", Un. of Miami Press, Flórida, 1969, pág. 143.
- (6) Baudelaire, aliás, parece ter antevisto certos vermelhos só presentes nos Sophros, na *Laelia milleri*, no *Epidendrum vitellinum*: "Car je ne puis trouver parmi ces pâles roses, une fleur que ressemble à mon rouge idéal".

Referências de leitura

- Robert L. Dressler, *The Orchids, natural history and classification*, Harvard Un. Press, London, 1981.
- Orquídeas, Peter McKenzie Black, Ao Livro técnico S/A, Rio, 1984.
- *Orchids and How to Grow Them*, Gloria Jean Sessler, Prentice-Hall,

New Jersey, 1978.

- Penela, n° 5, juillet-août, de 1967, 46/55.
- *Les Orchidées*, Patrick Mioulane, Dargaud, Paris, 1986.
- *Dictionnaire des symboles*, ed. Robert Laffont, Paris, 1969, verbete Orchidée.



UMA RESPOSTA PARA TODOS

1) Como fazer florir *Dendrobium chrysotoxum* no Rio de Janeiro, ao nível do mar.

Essa espécie deve ser cultivada em ambientes de clima intermediário, sendo que ela precisa de um inverno bem definido com temperaturas, mínimas, de 10°C. Para que ela cresça e floresça bem, a planta deve ser mantida bastante seca neste período, que

é o de seu descanso, borrifando apenas o suficiente para evitar a desidratação dos pseudobulbos. Manter temperaturas tão baixas, ao nível do mar, e no Rio de Janeiro é algo difícil, a não ser que você tenha um lugar bem arejado e fresco na sua estufa.



O. Domingues

Travessa Sgt. Ferreira 25 Ramos, RJ.